

1565  
ENQUANTO  
O BRASIL  
NASCIA



PEDRO DORIA



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Um exercício de imaginação .....	21
Uma fé, uma lei, um rei.....	45
A espera angustiada .....	77
Águas de março .....	97
Com açúcar, com afeto .....	139
Por Sá ganhada .....	173
Mui leal e heroica .....	199
De cachaça e ginga .....	233
Minas não há mais .....	255
Posfácio .....	267
Referências bibliográficas .....	271
Agradecimentos .....	275

## PREFÁCIO

Nas próximas páginas, o leitor encontrará um livro de história. Ou de muitas histórias, lugares e personagens que se encontram. É a história do sul do Brasil nos dois primeiros séculos de colonização portuguesa. Da Bahia para cima havia riqueza; para baixo, antes do ouro, a vida foi muito dura. É a história do Rio de Janeiro, mas não apenas do Rio, porque está intimamente entrelaçada com a história de São Paulo. O Rio, o leitor lerá mais de uma vez nas próximas páginas, nasceu para que São Paulo sobrevivesse. E uma história que é tanto do Rio quanto de São Paulo termina por ser, também, uma história de como um pedaço do Brasil nasceu.

A história desta relação entre as duas cidades é, mesmo quando discreta, a linha condutora. Salvador era a capital, representante de Lisboa na terra. São Paulo, a cidade bandeirante. Rebelde. O Rio ficou no meio: bandeirante e oficial. Malemolente. Até a descoberta do ouro, o Rio mediou a relação da Coroa com os rebeldes.

Esta história é também uma saga familiar. O sul do Brasil – não só o Rio – é invenção da família Sá. Porque esta malemolência, este espírito de fluir entre uma identidade e outra sem nunca se definir por completo é coisa que os descendentes de Mem de Sá aprenderam governando o Rio e gerenciando a relação entre o Império e as peculiaridades deste sul indômito da colônia. Os Sá eram bandeirantes de se embrenhar na mata com gibão e pés descalços, falando tupi, comendo farofa e caçando com arco. E eram fidalgos do reino, capazes de discutir a geopolítica do Império em Lisboa e a relação entre as colônias da China, da Índia e da África enquanto vestiam puro linho e casaca de seda.

O carioca que, no domingo, discute cheio de gírias o futebol com o barraqueiro da praia enquanto veste apenas sunga, cerveja à mão, e que, na segunda, de terno, janta ao bom vinho e fala inglês destrinchando contrato com multinacional é descendente cultural dos Sá, mesmo que não o saiba. Na língua que falamos na rua, não poderia ser mais simples: até nossa marra de carioca é coisa dos Sá. Eles inventaram isso. Criaram essa identidade. Esse nosso jeito.

A história contada neste livro não é, portanto, apenas do Rio. Nenhuma história é solta do todo. O que estava acontecendo no norte do Brasil, na Europa, na África, e mesmo na Ásia, produziu consequências. Assim, personagens deste livro incluem um sultão descendente na Terra do profeta Maomé, dono de um império ainda mais vasto do que qualquer império europeu do tempo; uma rainha africana tão poderosa que forçava os homens de sua guarda pessoal a se vestirem de mulher para que ninguém ti-

vesse dúvida sobre quem estava no comando; um corsário holandês tão astuto que, de um único golpe, fez quebrar a banca do Império espanhol. (Para, depois, ser derrotado por um Sá recém-saído da adolescência.)

Outros personagens aparecerão fatalmente. Os franceses e os calvinistas. Uns tipos curiosos chamados peruleiros. Os portenhos – sim, Buenos Aires, as histórias do nascimento de Rio e São Paulo estão entrelaçadas com a da capital argentina. Quando Adolfo Rodríguez Saá foi eleito indiretamente presidente do país por alguns dias, em dezembro de 2001, lá estava uma discreta memória desse tempo, no século XVII, em que as elites de um canto e do outro eram comuns.

Os Sá: Mem, Estácio, Salvador, o velho, Martim e Salvador, o moço – eles à frente e inúmeros irmãos, primos, tios. Quatro gerações, pouco mais de um século. Há muitos jeitos de interpretar essa gente. Uma é vê-los como caudilhos que controlaram o lugar com mão de ferro, ditadores. Como se o Rio fosse uma fazenda sua, e o sul do país, seu quintal. Quando caíram, afinal, por conta de uma revolta popular contra desmandos e arbitrariedades.

Outro jeito é olhar como uma família muito hábil politicamente, que garantiu a independência de São Paulo e, assim, pavimentou o caminho que desembocaria na descoberta do ouro. Os Sá no Rio eram a garantia, para Lisboa, de que havia um olhar atento em São Paulo. Esta história é a que dá personalidade às duas cidades, que faz de uma malemolente e da outra, indômita.

Nos séculos XVI e XVII, nada garantia que o ouro seria descoberto pelos bandeirantes em Minas. No tempo